

P95-2



Ruasova



ANNO II N.º 5

Recife, 3-7-1924.

Quarto



Recebem semanalmente novos sortimentos em calçados para homens, senhoras e crianças.

Artigos de Sport: meias para homens e senhoras

Casa *Clark*

Rua Nova 193 — Filial
Rua da Imperatriz — 269

Telegrammas
ALMEDARES

Telephone
641

SOARES, ALMEIDA & C.
25

PRACA DA INDEPENDENCIA
MATERIAL ELECTRICO EM GERAL

Stock completo de todos os artigos pertencentes ao ramo. Mantem operarios competentes para execucao de qualquer trabalho. Executam installações em cidades, villas, fazendas etc. Encarregam-se de illuminações provisórias, publicas ou particulares, lampadas Edison, Tungsram e Philips-communs e de 1/2 Watt-Lampadas Magnon para series e 220 volts.

SINCERIDADE

Lustres 25\$ 30\$ 40\$ 50\$ 60\$
Plafoniers 12\$ 15\$ 20\$ 30\$ 40\$
Abatjours com pingentes 6\$ 8\$
10\$ 12\$ 15\$ 20\$
Castiçaes para meza 15\$ 20\$ 25\$
30\$ 40\$
Stock sempre renovado em todos os artigos.
Ferros engommar 25\$ 35\$. Fogões e fogareiros electricos. Tulipas e abat-jours communs.

Visitem a nossa casa antes de effetuarem as suas compras pois
!! Economia é a base da Prosperidade !!

VERA CRUZ

Companhia de Seguros sobre a Vida
Capital integralizado £00.000 \$000

Avenida Rio Branco n. 47 — RIO DE JANEIRO

Superintendentes:

Carneiro & Galvão, Ltd.

Avenida Marquez de Olinda
RECIFE

FABRICA ZENITH

Durães Cardoso & Cia.

IMPORTADORES DE FARINHA DE TRIGO E ESTIVAS

Exportadores de assucar, cereais e café

Fábrica:

Escriptorio:

ILHA DOS CARVALHOS, 58 e 84 RUA JOÃO DO REGO, 213 e 221

Telephone, 343

Telephone, 147

Telegramma — ZENITH

Codigos: RIBEIRO e BORGES

Façam seus seguros na

"STELLA"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

Capital R\$ 1.000:000\$000

Séde: Rio de Janeiro

Agencias em todas as principaes praças do paiz.

Succursal em Recife:— Avenida Rio Branco 144

CASA CENTRAL

ALFAITARIA

DE
Antonio Gonçalves

Completo sortimento
de casemiras. Plain-
beach e brins. Confecção
de 1.ª ordem.

Preços e pontualidades
sem competencia.

Rua Mathias de Albu-
querque, 83

Recife

Quer ser feliz?

Visite a

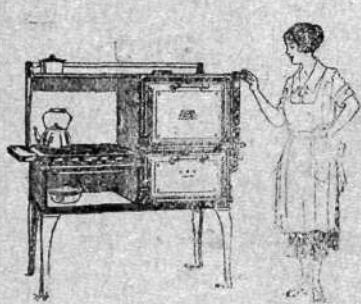
Sapataria Santo
Antonio

é a unica que combate a carestia e
ofrece vantagens aos seus freguezes.

Calçados para homens, senhoras e
creanças, meias, malas, chapéos,
guardasões, capas de borracha e mu-
chos outros artigos que agradarão ao
mais exigente freguez. Rua larga do
Rosario, 184. — J. Mariano Gue-
des. — Recife.



ESCOLA DE ARTE CULINARIA



Os novos cur-
sos começarão em
Julho proximo, es-
tando as matriculas
desde já aberta na

Loja do Gaz

Rua da Imperatriz, 139

A Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd.
offerece o premio de um.
elegante e moderno

*Fogão a Gaz com instalação gratuita
cuja entrega será feita por
meio de sorteio entre as alumnas
diplomadas.*



Recife, 3 de Julho de 1924

RUA NOVA

Director—De Sá Leal



“Lafayette”
Jornal e Ro-
bertrand
da Cidade.
Encarta do
—Recife.
Filh.



Barbaridade

Um cego entrou n'uma barbearia,
— Um pobre cego, destes bem plebeus —
Pedindo então, com voz que commovia,
Que o barbeiassem, pelo amôr de Deus.

Ó barbeiro, movido de piedade,
Attendeu logo á solicitação
E, com requintes de barbaridade,
Entrou na mais tremenda esfolação:

A pessima navalha do barbeiro
Cega, dentada como um rapacôco,
Produzia no pobre um formigueiro
De ciscadôr, serrote, arranca-tôco!

Cada vez que a navalha enferrujada
O misero carão pegava em cheio,
Sentia o cego q're uma punhalada
Lhe abria o coração de meio a meio.

Nisto um gato, guinchando, no telhado,
Em verdadeiras supplicas de dôr,
Parecia tambem avassalado
Pelo mesmo martyrio e o mesmo horrôr.

A gente soffre menos — diz Junqueiro —
Se acaso cê soffrer alguem por nós...
O cego achou no gato o companheiro
Do seu destino deshumano, atrôz!

Vendo um freguez do gato o soffrimento
Em tom muito magoado, muito humano,
Não se pôde conter e, no momento,
Perguntava: o que tens, pobre bichano?

E, n'um longo suspiro commovente,
Erguia o cego os tristes olhos seus,
Dizendo: — é que lhe estão, naturalmente,
Fazendo a barba pelo amôr de Deus...

Neorjivo Mário

Graça—Belleza—Fealdade—Elegancia e Maledecencia

do da RUA NOVA

Sabbado, 28 do corrente.

A "Rua Escandalo" está cheia de poetas e chronistas... cretinos. Por signal, eu tambem, com a minha intelligencia luminosa estou pisando-a, macaqueando-a, banalizando-a, imitando-a... sem vergonha de, apenas um, que aqui não se encontra, porque prefere ser literato de alto coturno, á custa da chefia da corrente ou partido cabotinico, cargo elevado, mas espinhoso, que vem desempenhando, com gahardia e suprema distinção.

Não direi, quem é esse um, que toda a Allucinada Mauricéa já o conhece.

Estou sozinho na porta da Exposição. E' um martyrio a minha reportagem. Falta-me o conhecimento das pessoas é o Valençá, talvez com receio de uma irreverencia minha, não é capaz (Deus o conserve assim) de me dizer que o "Quirino", por exemplo — o homem que se fez a golpes de talento, dignidade e esforço proprio, conforme as suas palavras — chroniche de singular originalidade de certa revista pilherica, é um poeta á Roque Mechiades; um brigalhão contador de lambanças... litterarias, rendendo graças sem chiste, ao genio carituresco e desengonçado de um tal Porto Silveira, ou um anjinho que sorrateiramente escapoliu do Céo, n'alguma noite em que S. Pedro cochilava...

Porem, eu ia dizendo... ah!



A graciosa senhorita Octavia Cavalcanti da Sociedade de Limoeiro

lembro-me: que estou sozinho.

11 horas da manhã.

Que gosso dizer? Se soubesse onde encontrar o Dustan, o meu nobre amigo Dustan, de certo, gastaria algum tempo, mas vel-o-ia aqui.

Só assim.

Que felicidade! lá vem elle! é elle mesmo!

Bem, vou começar a minha... (o leitor amavel consente, á revilia do espalhafatoso e queixudo João da Rua Velha, que eu diga... a minha chronica?)

→ RUA NOVA ←

Alguma generosidade, creio me salvará.

E depois de um longo abraço, começámos a palestrar.

Dustan estava radiante. Parece que o meu jovem amigo, tem sempre no coração um jardim viçoso de alegria.

Não no vejo, senão rindo com uma expressão de paz e felicidade. Deve ser um moço feliz.

Em meio da palestra, um incidente no bonde de Hospital, consternou-me: o conductor deu com o nariz num banco e uma fita de sangue desenroulou-se...

A Assistencia chegou e um certo reporter, de côr morena, de quem não pude saber o nome, quiz até jogar pancadas no medico, porque este não esperou para lhe

ser fornecido o nome da pobre vítima.

Birra! que jaca dura! parece mentira. **"Aguenta Felippe!"**

Meia hora depois, entrámos na "Bijou" — o salão de eleganças e futilidades desta Veneza.

De lado, vi bem que um João chronista estava impaciente, nervoso, falando alto.

A principio, não quiz dar ouvidos, mas, percebendo a pronuncia forte de João Pauslistano — o humilde e despretencioso rabiscador destas linhas, pedi ao meu companheiro um pouco de silencio e concertrei-me.

Alguem, sem duvida, tangido pelo calor do lupulo, sem cerimonia de especie alguma, dizia assim:

"Eu quero ser ouvido. Ouçam meus versos fortes.
Raíos, não abrirão na terra tantos córtes:

Devo ser frívolo e cruel. Devo ser máu.

Que impórtala a mim, que á minha fronte esguia, o
páu

Danse uma valsa ou cante um hymno? Nada como
Ser-se máu. E' sublime. Eu mesmo não me domo.

E para que ser bom, n'um lugar, onde sou,
Sem favor, o primeiro? E creio até que estou
Perfeitamente bem. Eu que me fiz sozinho,

A golpes de talento, o doce *Quirininho*

Cercado de rancor, de inveja, de maldade,

Serei cruel, serei mordaz, sem piedade,

Não posso agir senão assim, atropellando

Coro se fosse um *Ford*, encachaçado, voando,

Sarabandando, atoamente sem motor.

E demais... a cidade está cheia... (que horror!)

De chronistas em penca... é uma peste! que praga!

Todo o mundo quer ser chronista. Não ha vaga.

Por isso querem me alijar... Todo cretino

E' trovador! Penante! ai! acuda o *Quirino!*"

Essa versalhada não me aprazia ouvi-la. Deliberei retirar-me. Com o Dustan fui fazer ponto na Słopper.

O céo estava nebuloso e a loja

elegante de elegantes e formosas creaturinhas estava illuminada... illuminada com a força da Tramwys... porem, a luz mais forte, que se revelava naquelle perfuma-

Renuncia

(Para Oswaldo Guerra)



Deves parar, aqui! Seguirei. Transitoria
Foi a vida do amôr que, em vão, quiz perpetuar.
Evocarás, de certo... E' um espelho a memoria:
I'él-o a saudade e, nelle, anda a alma a se mirar...

Nenhuma há-de aturdir como essa breve historia
Em que tenho meu sólio e em que tens teu altar.
Retorne a primavera, e o outôno, empôs... Descore-a
O tempo cruél, enfim, á marcha milenar!

Mas, si, na noite-morta, o tormentoso brado
Dentro na alma te ecoar de uma voz conhecida,
Tu não responderás, para meu grande mal.

A bôca ficar-te-á, como um jardim fechado.
A florir, em silencio, uma phrase esquecida
E a escender, com volupia, o meu beijo final!

Landulpho Medeyros.

do ambiente, era a dos olhos traves-
sos e faiscantes de encantamen-
to de Alice, Celicina, Izaura, Vi-
ctoria e Beatriz todas de crepe de
china preto, sorrindo, com um sor-
riso de bondade e paciencia para
os mais importunos e exigentes
freguezes.

Consultei o meu relogio — 12
e 20.

Estava insipida — a rua. Decidi
convidar o meu amavel com-
panheiro a ver a fita do "Moderno".

Fomos. Quasi não entro. Que
surpreza: á porta do theatro, vi
dois grandes olhos de velho Mara-
cajá, muito accesos n'um rosto en-
rugado e sanguineo, que me inti-
maram a voltar, n'uma attitude
insolita. Fiquei apavorado... a
tremere... mas entrei.

Dustan percebeu a scena e na
cadeira, disse-me: "aquele é o
Rolinho. Você foi falar na Rua
Nova dos films..."

Foi o que você quiz..."

Está o motivo, por que não di-
rei jamais se a fita daquelle dia,
foi apenas, um augmento de 1.100
réis, nos já existentes...

Aqui faço ponto na minha chro-
nica. Dustan despede-se de mim e
eu sem um guia, confessô-me im-
productivo.

Para o proximo numero, se o De
Sá Leal consentir, transcreverei
nesta secção, alguns trechos de
uma carta de meu distincto confrade
e amigo A. Carriho, a propósi-
to de uma perfida e desequili-
brada accusação que lhe lançou o
sr. Austro Costa, referendada pelo
sr. Alfredo Porto da Silveira.

Virei para o lugar que aqui me
cabe, por nimia gentileza da reda-
ção, talvez até- sem a mascara,
que me tem feito um desconheci-
do, para de frente ser julgado,
como melhor entender o publico.
Até a volta, caros leitores, se
Deus m'o permittir e ajudar.

Por hoje, quasi a contra-gosto,
ainda sou

João Paulistano

"Terra Pernambucana"

O escriptor Mario Sette não fantasia somente romances. É uma organização desenvolvida, dotada de uma scintillante argucia e de um bello talento productivo.

O seu ultimo livro, prestes a sahir do prelo, é uma brillante colletanea de contos, cujo pensamento, foi desencavar cuidadosamente dos enxertos de nossa historia regional. Como o fecundo França Pereira, no "Terra Patrum", Mario Sette compôz, alma feita de amor á terra que o viu nascer, o seu hymno de exaltação e de patriotismo, a Pernambuco, celebrando os gloriosos feitos de nossos maiores, n'um estylo elegante, delicado, que não enfada, antes deleita e nos commove.



O sr. Mario Sette, não precisa que digamos do valcr do "Terra Pernambucana". Os contos já publicados na *Rua Nova* e noutrios jornaes desta cidade e que vão figurar nelle, são o melhor testemunho, a prova, altamente eloquente, de quanto vale o trabalho que o publico vae receber para elevação de Pernambuco e riqueza de nossa literatura.

Rua Nova, honra-se em publicar

na edição de hoje, um inedito do formoso livro do laureado romancista pernambucano.



Aquella mulher esguia..

A Tarde — uma mulher esguia, com os cabellos côn de cinza — surdia do mar. E errava na cidade uma mulher esguia de cabellos côn de cinza... Mas o sol pincelava ainda as suas derradeiras manchas de luz, nos telhados, nas torres, nas ameias. Cresciam os cabellos côn de cinza por detraz das torres silenciosas. E a mulher esguia e macilenta, dos cabellos côn de cinza, com os cabellos humidos — que vieram do mar — vae apagando as manchas de luz, que o sol deixou nos telhados, nas torres, nas ameias. Depois, quando a grande sombra veic, a sombra que devora todas as sombras, ella correu para o alto, com os cabellos longos e prateados... E debruçou-se na abobada sem limites, para formar, com os cabellos prateados e longos, o pallido estendal maravilhoso e immenso da Via Lactea... Mas a mulher esguia, cheia de medo, era tão pallida, e era tão branca, que as estrelas vieram todas... E de tão branca e de tão pallida, e de tanto medo, ella foi ficando pequena, tão pequena... e redonda, tão redonda... do tamanho da Lua. Uma Lua pallida... branca... muito alata...

DUSTAN MIRANDA.

Recife, 6/24.



No Boulevard

Dia chuvoso. O sol de quando em vez bota o olho de fóra, clareando, de relance. Creaturinhas nervosas, fogem dos pingos. De espaço a espaço, surge uma perna torneada, roliça, tentadora... Um sorriso, uns dentes alvos, um chapellinho negro, mignon, enterrado numa cabecita modelar, irriquieta inspira o vate...

D. Branca vai passando,
Friorenta, devagar...
Seus cabellos negros, voando,
Fazem o poeta pensar.



D. Branca vai passando,
Friorenta, devagar...
⊕



—Capa bonita.
—Neste clima. Grossa, pesada.
—Onde Rosemira achou aquella capa?
—Em Paris.

—Mas ella nunca viajou!...

—O noivo. Elle não é dono de usina!?

—Ah! E' por isso que ella só me fala em crystal, grá-fina... Maria é alva como crystal, Antonio é um tipo superior, é grá-fina; e outras qualidades que eu não me lembro.

—Mas, o noivo tem cara de assucar de segunda.



—Espera, espera...
—Que moça bonita! Que elegância! Morena, graciosa...
—Vamos poeta.
—Não. Eu hoje janto na Rua Nova.
—Mas aqui não tem hotel.

—Como sorrisos e bello olhares...

Ficarei, apezar dos pezares...
Eu não almejo paraíso:
Quero beber os teis oinares.
Quero comer os teus sorrisos...



Dá-me uma esmola, senhorinha:
Sacode o nickel do teu olhar:
Pede o poeta, isto somente,
E' o bastante para jantar.



—Bohemio.

—Bilontra.

—Eu vi.

—Eu São José naquella rua...

—De passagem.

—De passagem, hein! Você está namorando a viúva do André, aquela que puxa por um quarto.

—Deus me livre.

—Eu sei. E' rica. São quinhentos pacotes. Bicho feliz.

—Você tem bucho de piaba. Cala a boca desgraçado...

—Para que não disse logo. Não sou seu amigo...

—Quanto mais segredo, melhor. Os piratas estão cavando. Aquillo é u'a mina.



Chove. Na Casa Brack estão reunidas diversas senhorinhas, tagarelando.

—Tem fitas.

—Quero um broche.

—Faz favor. Uma caixa de pó de arroz.

—Grampos.

O poeta, molhado, nervoso, passa pelo balcão. Finge que vai comprar. Os versos criam azas:

→ RUA NOVA ←

PETIZADA MIMOSA



A interessante Eunice Cordeiro
da Costa

Oh! caixearinhás bonitas!
—Diz o vate mui pateta: —
Dentre todas estas fitas,
Vejam uma para o poeta.



Estiou. O sol, outra vez, aventura um olhar. Uma claridade, morna, confortante, alegra a rua. Bandos de senhorinhas, passa chilreando.

—Olha a filha da sua vizinha.
—Não vejo
—Entrou na casa Pessoa.
—Agora. Sahiu.
—Você já reparou! Em casa os seios são menores...
—E' panno. Aluizio.
—Panno?

—Sim. Fazem enchimento para apresentar volume.



Duas senhorinhas passam elegante mente vestidas. Uma de casemira tailleur, a outra de branco, vestido leve, esvoaçante.

O poeta admirado declama:

Sorrindo, essa passa, de luva...
Surge, aquella—corpo de escól—
Uma friorenta como a chuva...
Outra berrante como o sol...



—Aquella moça tem as pernas finas...

—O que?

—Finas.

—O senhor não repita. A moça é minha parenta.

—Sua parenta?!

—Sim senhor.

—Meus parabens. Estou elogian do-a. Eu gosto tanto de pernas finas...



A "Bijou" freme de sorrisos. Está cheia de senhorinhas. 5 da tarde. As torradas, finas, quebradiças, são mastigados por dentes alvos, pequeninos, afiados. Olhares languidos causam fome. Sorrisos lentadores provocam gula.

O poeta, embevecido, soluça:

Dá-me o chá do teu sorriso,
Torradas dos teus olhares:
Quero subir ao Paraíso,
Comendo desses manjares.

CROCIO RIAL.

ESPIRITUAL

Tu que a mente exacerbas e apregóas
Nessas da vida, coisas fugitivas,
Procura em Deus a luz das crenças vivas
E gosa do Universo as coisas bôas.

Tens azas, tens razão, tens senso e vôas
Nas trévas!... Pensas que te não derivas
Dessa Essencia do Bem, sem negativas,
E de odio e de tristeza te povôas...

Sê mais calmo na vida, mais confiante!...
Homem!... Escuta a voz da Natureza.
Senão serás como o judeu errante.

Ama-a bem, ouve-a bem, estuda-a bem,
E Nella encontrarás toda grandeza.
E terás afinal o que Deus tem...

J. ALCIDES FERREIRA.

NOCTURNO

Para DE SA' LEAL

Sempre que avisto a minha sombra feia,
marchando vagarosa em minha frente,
eu sinto o medo contra-producente
de um detento que foge da cadeia...

A minha intelligencia vive cheia
do velho fetichismo transcendentê,
com que a psychose singular da gente
inunda a irracional crendice alheia!

Que pés enormes! Que figura torta!
Não tenho esse perfil medonho assim,
que, no asphalto polido, a luz recorta...

Esse vulto, esse trasgo, esse abantêsmo
é minh'alma que vae deante de mim
revoltada de dôr comsigo mesma!

ENE'AS ALVES.

Rua - Mulher — Seus gestos... Seus sorrisos... Seus perfumes...

Novamente, as leitoras desta revista teem diante de si, a figura deste humilde Príncipe, que abandonando o seu castelo encantado, veio até Recife se distrahir, ocupando-se com o que fazem os felizes habitantes da Veneza Americana.

Apresentado pelo último número da "Rua Nova", o Príncipe foi recebido com uma *sympathia* que muito o desvaneciu.

Verdade é que alguns imbecis jogaram-lhe as pedradas da sua imbecilidade, mas o Príncipe, indiferente e *inatttingido*, ingressou na vida da cidade, tomando chá na "Bijou", frequentando o "Moderno", dançando o "fox" nos salões, indo aos "meetings" desportivos, e, enfim, absorvendo o tempo em muitas cousas agradáveis, como fóssem palestrar com Anísio Galvão, convencer o S. Leal da inoffensibilidade dos "Quirinos" que "enjoam" passeando em automóveis, demonstrando ao Sol que o "chronista" João da Rua Nova das Trincheras é nullo, apesar das curvaturas aduladoras do sr. Porto da Silveira, um dos nossos geniosos, etc.

O certo é que, apesar de tudo, o Príncipe continuará escrevendo as suas impressões, colhidas aqui e ali, contando, já se vê, com a generosidade de todos, principalmente das gentis amiguinhas que o distinguem com a leitura das suas indiscreções.

*

O "FASCISMO" NA "BIJOU"...

O poeta Antonio Fasanaro, num dia destes, encontrava-se na "Bijou" rodeado de muitos olhos e pou-



Cephisia Galvão

ces refrescos. De um lado, Mlle. Lucia Lewin dava o lyrico destino de sua boca, a pequenas colheradas de creme, enquanto os espelhos, cada dia mais importunos, se ocupavam, somente, em lisonjear o encanto da senhorita Dolores Iglezias, a sua graça e natural elegância. O Fasanaro parecia sonhar... O Príncipe falou três vezes com elle e elle não viu. De subito, porém, passada mais ou menos meia hora, eis que Mlle. "duas duodecimas letras do alfabeto" se levanta, e só então é que o jovem bardo e jornalista dá sinal de vida, levantando-se também, para tomar talvez por coincidencia, o mesmo bonde de Mlle.!

E diga-se que o Fasanaro não é um verdadeiro Mussoline a pregar um novo "fascismo", em plena "Bi-

jou", sem temer os espelhos, de certo confiando na bênção apostólica que S. Santidade, o Papa, lhe concedeu seguramente vinte e seis vezes...

*

Bertha Markman... Que lindo Nomesinho de mulher!

— E' russa. Pois bem. Que seja.
— E' bonita. E' o que se quer!...

*

NOS CAMPOS DA "LIGA"...

Mlle. Neda Gayoso voltou, no jogo "Torre" X "America", a frequentar os nossos campos de "football", enchendo-os com o seu espírito expansivo e delicado, que tem "um sorriso para tudo", como diria Alvaro Moreyra. O Príncipe que tem em Mlle. uma das mais encantadoras amiguinhas, teve grande satisfação em encontrá-la e gozar um pouco da sua palestra bôa e simples...

*

FESTAS A S. JOÃO

Um baile delicioso, não resta dúvida, foi o que as famílias Lobo e Limeira promoveram na ultima véspera de S. João, na rua d'Aurora. Lá se encontravam, alem da gentileza, da bondade e da graça de Ambrosina Limeira, Vivi, Annita, Dolores, Hilda e Nina Lobo, o encanto e a alma sonhadora de Carminha Galvão o romantismo de Olga Galvão, apontando o luar que beijava o rio, a elegancia simples e envolvente de Lucia Nery da Fonseca — exímia "danceuse" e adorável criatura — e os attractivos de muitas outras.

O Príncipe não sabe como a noite se passará... O certo é que o dia seguinte chegou, desfazendo illusões e matando sonhos recém-nascidos...

*

ORA, QUIRINO!

O sr. Austriclinio Quirino, conhecido no cadastro intellectual como



Gracitte Ramos, encanto do casal
Guilherme Ramos

Austro-Costa, achou de insultar os que fazem crónicas para a "Rua Nova", taxando-os de imbecis, cretinos, sujos, analphabetos, e litteteiros, como se nós fossemos o Quirino, poeta oficial da "Garrafada do Sertão" o indecente caixeteiro de um bilhar de Limoeiro, hoje arvoreda a "chic", o ídolo das cigaretteiras das fabricas Laffayette e Caxias, ou o feliz habitante daquele pardieiro imundo da rua das Cruzes, alem de outros predicados que sabemos elle os possuir e que diremos de outra vez, se for preciso.

Ainda assim, nós preferimos "o seu ataque ao seu elogio", — para servir-nos das palavras de Osorio Borba, — porque do seu ataque nos poderemos defender e do seu elogio é mais difícil, senão impossível.

A esse poetastro, cuja pretenciosidade é sem limites, já um dos que redactam uma das secções desta revista, respondeu como devia, pelas

colunas do "Jornal do Recife", mostrando-lhe que não é com as cartas de um Quirino qualquer, rotulado com nomes pomposos como Austro Costa, que se morre, ou se desiste de fazer chronicas e versos "fute-clesee", como estupidamente elle denomina.

Mesmo porque "os cães ladram, mas a caravana passa..."

*

Góes Filho, o poeta mais elegante da Cidade e um dos mais inspirados e talentosos, não supporta a tal "corrente artistica" que alguns Quirinos, atabalhoadamente, lançam nosos meio.

Tem razão.

Os "poemas impossíveis" do "homem azul", são a causa mais sem

graça que já se viu em toda a terra do Cruzeiro, cheirando a reedição das mesmas estultices existentes nas "Pilulas Rosadas", ou no "Mulheres de Rosas", como se queira ou deseje.

No entanto, meu caro Goesinho, o Principe não é de todo contra uma rencvação no poatar, e isto, decerto, quando for feito com intelligencia e esthetic, muito beneficio trará a arte.

Medite um pouco, e depois veja se concorda ou não.

*

Letacio Jansen... Poeta!
Que sorte medonha e avessa!
—Um menino tão pequeno
Com semelhante cabeça!...

O PRINCIPE DAS ESTRELLAS.

No turbilhão da enxurrada

Para o Joaquim Eulalio.

Manhãs de chuva! Do terraço florido quèdo-me, enervado, a contemplar a desolação do meu bairro. Quando o velho sol ainda não me tinha enviado o seu adeus, todos os dias despertava com o pipilar dos passaros cantores que povoavam de Felicidade o meu ser.

E, as horas vão rezando o seu sário. O tamborilar monotonio da tempestade já despertou as louras creanças.

On! O tlim-tlim d'agua a cair no leito das ruas, nas pedras do calçamento, para a imaginação infantil!... A enxurrada ia engrossando. Agora, estava barrenta e corria veloz, atravancada de seixos, para as sargentas. Os pequenos corriam a sorrir, fascinados por uma capitosa emoção esthetic, glorianto a mãe Na-

tureza. Os barquinhos de papel brancos, azuis, amarelos, polychromos corriam das mãos dos garotos para a correnteza entre gritos de uns e apostas de outros... De repente, num minuto horrendo, uma daquelas creanças fôra arrastada pelo turbilhão de aguas frementes, ferozes, para o abyssmo hiante... Caira no esgoto e, numa contorsão unica, exclamou:

— Mamãe!

— Oh! O meu terror das manhãs de Inverno!

922.

ARNALDO LELLIS.

A NOSSA CAPA

Illustramos, hoje, a capa de nossa revista, com o "cliché" do galante petiz Helio Loreto, dilecto filhinho do professor dr. Sergio Loreto Filho e de sua virtuosa censorte, exma. sra. d. Leopoldina Cysneiros Loreto.

Historias...

Nem me lembro...

Foi assim:

quando meu pae nos deixou, eu era tão creinça e minha mãe tão jovem!

Minha mãe dizia-me sempre que o amor era o outro nome da tristeza! Ela vivia carregada de luto. As suas cheiras eram róxas. Dois lários eternamente manchados pelo orvalho de uns olhos muito azuis. Os olhos de minha mãe lembravam o céo. E parece que os vejo no céo que é todo azul. Minha mãe era triste como as flores de sombra.

Nunca se referiu a meu pae. E eu tinha uma vontade louca de conhecê-lo!

No que se dizia, nos objectos de casa, em tudo eu procurava descobrir algo que me dêsse a imagem do homem estranho que tornou triste a historia de minha mãe.

Eu me punha, às vezes, deante do espelho: — sim, eu sou parecida com meu pae!

Elle devia ter, como eu tenho, os cabellos encarujados os olhos castanhos, a pelle trigueira...

Minha mãe era alva, cabellos loiros, olhos muito azuis. Era tão bôa minha mãe!... e eu fui tão má para com ella!... que almas desiguais! Eu queria esmehrilhar o romance da sua vida. Era então que os seus olhos azuis ficavam cheios de agua! Nada me dizia. Como o seu coração pulsava devagar! Um dia minha mãe dormiu tanto! Eu fui despertal-a de mansinho. Auscutei-lhe o coração — talvez que elle me segredasse tudo! Embalde. Pulsava tão devagar... mais devagar... não... não pulsava mais!...



Quiz gritar, o pranto suffocou-me!

Minha mãe enterrou-se á hora da Ave-Maria numa tarde rôxa como as nuvens que choravam com saudade do sol que ia morrendo...

A minh'alma é fria como a neve! Eu trago em mim os adornos alvos porque as lousas irancas! A minha historia não devia ser igual á historia de minha mãe... Por isso quando elle voltou, e perguntou-me pelo juramento que eu lhe fizera, o juramento de que ser-lheia fiel, — eu sorri da ironia do destino! Tanto tempo ausente! Não! não lhe tinha sido fiel!

Eu era estimada na cidade.

Os rapazes queriam-me tanto! Faziam versos para mim! Como eu amei esses rapazes que me queriam, e que faziam versos para mim!

Elle... elle morreu...

A minh'alma é fria como a neve!...

→ RUA NOVA ←

Meu pae... que crueldade!... eu tão
creança... e minha mãe tão joven!...
Elle me queria tanto!
Nem me lembro!
Essa historia... eu tento riscar a
da lembrança!...

*
* *

A ruinha historia é diferente da
tua história.

Era tão lindo! Eu fecho os olhos
para vel-o! Foi assim:

As almas de meus paes viviam do
mesmo coração! Quando meu pae
voltava do trabalho beijava a testa
de minha mãe, e beijava-me na boca!
Elles diziam-me sempre que o
amor era o outro nome da alegria!
E minha mãe, nas horas de folga,
contava-me o romance do seu único
amor, e repetia o nome de meu pae.
Eu queria aos dois igualmente. Pu-
nha-me às vezes, no espejo:—sim,
eu me pareço com ambos: os cabelos
delle, os olhos della, e a minh' alma
que é feita de suas almas ir-
mãs!

— Tu és a felicidade minha filha!
E meus paes eram felizes, e eu
era feliz!

Uma vez, eu era bem pequena, o
filho da vizinha parou ao meu por-
tão para falar commigo. Era tão
lindo! Eu fecho os olhos para vel-o!
Todos os dias, de volta do collegio,
eu o esperava no portão. Elle era
alto, e eu tão pírritinha! Eu me
via na menina dos seus olhos ver-
des. Ah! mas não era a menina
de seus olhos! Elle cresceu mais.
Foi para a cidade. Pretendia for-
mar-se. No dia da partida, seus la-
bios disseram muito junto de meus
labios, as coisas mais apaixonadas
desse mundo! O filho da vizinha con-

fessou-me o seu amor. E eu lhe quiz
muito bem. Jurou que voltaria. Es-
perei-o. Meus paes morreram, e dei-
xaram-me sózinha. Herdei-lhes a
constância do amor e a bondade do
coração. Minh' alma é ardente como
as almas de meus paes que se que-
riam.

Os meus adornos têm a leveza
das pennas e das plumas! Esperei-o.
Pa sou um anno. E mais um anno. E
outro. E mais outro. O quinto, atra-
vessei-o morta de saudade. Elle vol-
tou á sua terra. Tão diverso! Que
maneiras, que attitudes, que phrases!
Como me senti pequena junto delle!
E tambem como me senti mulher ao
pé do homem a quem eu amava ar-
dentemente, loucamente.

O filho da vizinha não se lembra-
va mais da vez em que parara ao
meu portão para falar commigo. Cho-
rei, mas chorei muito longe delle
e de todos! E quando o vi sumir-se
na curva do caminho para não mais
voltar, — eu perguntei aos outros
— para onde vai elle? O que pro-
cura?

Responderam-me: não sabemos, ao
certo, elle anda em busca da felici-
dade!

Então me recordei da phrase de
meus paes. Corri para alcangal-o.
Os meus gritos perdiam-se no espa-
ço:

— Volta! volta que a felicidade
sou eu!... sou eu!...

Corri, corri demais, e em breve
rolei no pó da estrada...

Elle?... talvez seja feliz!...

A minh' alma é ardente como as
almas de meus paes que se que-
riam...

Era tão lindo! Eu fecho os olhos
para vel-o!

Essa historia... hei de lembrar a
sempre em minha vida!...

EVANDRO NETTO

Um grande Padre

Entre os patriotas pernambucanos que fizeram a bella, embora ephemera, revolução republicana de 1817, destaca-se a figura sympathica e atraiva do padre João Ribeiro.

Elle era professor de desenho no Seminario de Olinda, e, desde cedo, puzera a sua intelligencia a servico da causa da independencia de sua terra.

Insinuante, de palavra facil, vibrante, cathechisava, convencia, aliliava companheiros para a gloria-jornada.

A sua residencia tornara-se ponto de convergencia dos patriotas, conseguindo o padre João Ribeiro organizar uma pequena bibliotheca em cujas paginas aprendessem todos a cada vez mais amar o torrão natal.

No dia em que rompeu a revolução de 1817, o padre João Ribeiro, tocado de entusiasmo e de jubilo, correu a visitar um amigo, no Recife.

Deu-lhe a alviçareira noticia e o amigo, por obsequiar a visita, trouxe do armario uma garrafa de vinho do Porto, afim de que bebessem ambos um calice.

O padre João Ribeiro, porém, recusou, declarando:

—Prefiro beber agua a beber um vinho de Portugal, no dia de hoje.

Outro episodio, que dá bem idéa do seu caracter, passou-se tambem naquella epoca agitada.

Realizava-se na matriz de Santo Antonio um *Te-Deum* em accão de graças pela proclamação da republica, e a essa cerimonia religiosa devia comparecer os membros do governo.

Ao chegarem estes diante da igreja, o respectivo vigario, que era um homem adulador, trouxe o pallio

Tracinhos e Trocinhas

Actualmente é o dr. A. L., não ha contestar, dos mais fecundos espiritos desta *encantada e allucinada* Mauricéa.

Com arte e felicidade cultua o humerismo que, é voz corrente, tem fonte no seu abdomen, que lembra ampliada, a pipa de Diogenes, "velharia" que o Recife de hoje, Recife novo e meio futurista, de cinco verdadeiros talentos, apenas, vê com maus olhos, detesta, abomina...

*

Aquelle cidadão dos Correios, inimigo do futurismo e amigo extremado de todas as reliquias do passado que usa cabellos á Castro Alves e oculos á Amaragy, disse-me que havia feito presente do "princépado" do cabotinismo e da cretinice ao "doce" Quirininho, que se acha sobremodo envaidecido do "honrosissimo" posto. Já é...

*

Educam-nos os professores, como aos irracionaes ensina a Natureza.

O facto é que "ninguem nasce sambendo", como diz o popular rifão, e com muito acerto. Si assim é, tudo que vive faz o que aprendeu, e conforme o grão de intelligencia e a influencia do meio.

Assim: um cão ladra porque ouviu ladrar os collegas, os amigos...

Etc. e tal.

***** afim de receber sob elle os homens do governo.

Mas o padre João Ribeiro, que era um dos ministros, adiantou-se, encarou o parocho e disse-lhe com ar de admoestação:

—Mande guardar o pallio, sr. vigario, porque debaixo dele só pode acolher-se o Santissimo Sacramento!

MARIO SETTE.

Do "Terra Pernambucana".



A POROROCA



A pororoca é, sempre, motivo de terror para o sertanejo que vai remando, velozmente, em demanda de um porto distante...

Originada de fenômenos vulcânicos, talvez de correntes opostas, ou ainda da influência das marés, a pororoca é um grande risco, um extraordinário empecilho!

Corta docemente o barquinho inteirito a superfície barrenta do rio.

Sentado à prôa, manejando o leve remo, em forma de pá, pitando o cachimbo de **taquari**, o chapelão de caináuba tombado sobre os olhos, a camisa entreaberta e as calças arregaçadas até aos joelhos, o pescador impelle, a contar, a sua embarcação, deixando atrás de si uma "esteira" de prata, tenua e inquieta.

As margens do rio, como cortadas de um só golpe, apresentam uma vegetação sempre verde, sempre bela. Às vezes, divisam-se palhoças baixas e maltratadas, como sombras escuas no horizonte incendiado; as capivaras fogem medrosas e ligeiras; os passaros pipilam; e quando, à tarde, sopra a briza as árvores, orgãos colossais da natureza, executam a sinfonia magnética do vento, que, carinhoso, os faz oscilar...

...O rio sobe palmos ácima do nível costumeiro; as águas, impelidas vigorosamente por uma força misteriosa, precipitam-se contra a corrente, arrastam-se da foz para a vassante; troncos limosos rodopiam e se debatem numa revolta vã; a terra arroxeadas das barreiras despenha-se em blocos gigantescos; o sertanejo esconde o seu barco em qualquer baiainha, que esteja mais próxima; os vapores fluviaes, incômodos e anti-higienicos, dão, para adiante, toda a força das máquinas



Linda patricia em passeio pela
Rua Nova

mas são levados em direção oposta até encalharem nos traíçoeiros bancos de areia...

E' a pororoca que se faz sentir.

Certa vez viajavamos nas águas do Pindaré. Deitados nas rédes, armadas no convez, dormitavam alguns passageiros, conversavam outros.

O sol ardente de verão tornava insuportável a permanência em qualquer lugar do vapor.

Marujos, enegrecidos de carvão, divertiam-se atirando pedaços de carne às **piranhas** que, em cardumes, rodeavam a embarcação.

Meio-dia. Tinhamos passado, não a muito, por um barquinho de pescador, quando o timoneiro nos disse, apontando para a massa líquida, que de nós se aproximava:

— E' a pororoca, a pororoca!



Academico de Engenharia Fernando Antunes, um dos bons amigos de *Rua Nova*.

Quási que instantaneamente a âncora foi arreada.

A água do rio vinha subindo, vinda contra-marchando velozmente. Às vezes procurava galgar as ribaneiras, esbanhando-se em gotas que de novo caiam, como pérolas incômodas.

Ouvíamos como que o arrastar longíquo de miriades de correntes.

O pescador, que a pouco viramos, não quiz, ou não pôde se pôr a salvo do perigo.

Ei-lo sempre a remar violentamente dando a quilha da frágil embarcação ao embater do rio...

Apreensivos acompanhávamos, da amurada do gaiola o desenrolar da tragédia, tendo a certeza da inutilidade de qualquer auxílio em favor desse homem que vimos morrer ante os nossos olhos.

A princípio bateu valorosamente, mas quando já sem forças, viu o barco a descrever círculos concêntri-

cos, cada vez mais rápidos, deixou pender os braços e lançou um olhar de despedida aos campos que o viram nascer.

Os passageiros viraram os rostos horrorizados.

Em breve o barquinho sossobrara e com ele o seu dono, deixando apenas, como marcando o local da catástrofe, nódoas vermelhas de sangue humano...

As píranhas banqueteavam-se com o corpo do pescador...

LETACIO JANSEN.

— 202 —

Era uma vez...

Gigliola

vou te contar uma historia linda porque é a historia de uma mulher: Quando ella nasceu era tão linda, era tão linda, que as lagrimas do céo sorriam ao vel-a; e foi crescendo, e foi crescendo, e de pura que era completamente se transformou. Quando ella abriu os olhos para a vida era pura como um rio creança; mas depois foi crescendo lentamente, muito de leve, e de branca que era completamente se transformou. Abriu os olhos para a Vida e, alta noite, contemplando-a descobriu nas suas delícias os seus prazeres.

Hoje, ella é mulher, é grande, e ainda mais bella que nunca; seus olhos são dois lagos azuis; céo; dos lagos azuis... Dois imans que atrahem a vida na orquestração lírica de um beijo. E ella, hoje, é triste porque sabe que a beleza da vida está no seu Enigma.

... e de branca que era completamente se transformou...

Junho — 924.

D'ALB.

A VELHA MARIM

Ha duas cidades na Italia, que resumem a expressão maxima da beleza monachal: — Roma e Piza.

O Brazil tem sua pagina de arte bíblica na velha Marim. Arte emotiva de encanto e historia. Encanto de pantheismo bucolico, descendendo dos velhos campanários Historia de cousas antigas e bellas, perennes de heroísmo e fé, escriptas com tinta rubra, do sangue daquelles que jazem hoje, vividos no sarcophago intangível da Historia!

Olinda é a joia mystica do passado. Psalmo de tradição encastelado na ecloga epica do passado.

A velha Marim tem a poesia do suggestivo. Tudo inebria; o mar immenso e vibratil, lampejante, ora bonançoso, ora minaz, como um ti-

tan divino flagellado de seivas paixões. Os templos aluidos pela eversione do tempo, a vibrarem pela voz de sinos notas mestras e graves!

Ao longe, mais além, as varzeas sadias e nitidas de luz; o sussurrar ameno de coqueiraes, cujos flabellos rutilam, e farfalham á brisa tepida do oceano.

Ha em Olinda, paginas de impoñencia barbara e grave, de belleza monachal e poesia pastoril.

Emfim, a Marim ancestral é uma reliquia dos tempos mortos.

São varios os postas brasileiros que lhe tem cantado em versos sonoros e brillantes, os legendarios encontos. E' do vate sergipano, Pedro de Calasans, estas rimas de perspectiva soberba:

"No silencio da noite amena e grata
Ella a sós, pensativa em seu leito.
Dorme o sonmo da paz enquanto a lúa
Vem surgindo das aguas inquietas
A beijar-lhe subtil a face fria".

"Eis Olinda gentil! cidade illustre,
Como nympha deitada nas montanhas!
Nos seus altos mosteiros venerandos.
Pensativo, isolado, o humilde monge,
No socego da paz relâ as folhas
de seu livro sagrado! Além o sino,
Dá signal para a prece matutina,
Convidando os fieis ao templo augusto!"

E' bello e tocante, a harmonia triste que se lê nesses versos. Mais tocantes e lindos são, porém, estas quadras primorosas e explendidas do

poeta pernambucano, dr. Marciano G. da Rocha, escriptas em 1865.

Não me posso esquivar de transcrevelas:

→ RUA NOVA ←

"Dorme, descansa, oh infeliz madona,
Filha de um seculo que passou sorrindo
Dorme que o povo que te deu renome
Foi para a historia com fulgor infinito!"

"Dorme cercada de gentis palmeiras,
Verdes collinas, que te dão encanto;
Dorme embalada das amenas brisas
Que pelas noites vem beber-te o pranto!"

"Irmã de Roma, tu sonhaste um dia
Virentes louros à geração futura!...
Mas hoje tu recordas no passado
De um povo a historia de immortal bravura!"

"Filha das verdes montanhas,
Entre palmeiras crescida,
De tantas c'rões cingida
Qual te deixou seu azar?...
Uma lauda de historia
Enlanguecida memoria
Dos grandes feitos de gloria
Que soubeste conquistar".

Mas a Marim de hoje, é u'a Marim festiva e louçã. E' u'a Marim moderna. O progresso e o futurismo entraram-lhe pelos porticos vetustos.

A majestade architeconica dos mosteiros, retocou-se de certos tons de louçania. Ha como uma aura de encanto novo e genuino.

Novo de formas e de esthetica; genuino de originalidade de tintas. Assim, é o caso da Sé, tão causticado pelos passadistas. Emfim, diri aos amantes da "Arte Morta", que nem todas reliquias se guardam.

Umas perduras peregrinamente; outras talvez, pelo seu demasiado preciosismo, partem-se, atassalham-se, deixando uma doce saudade.

A alma tem desses paradoxos: ama com mais ardor as cousas que vão fugindo. Assim sou eu. Essa Sé de hoje, adulterada, conspurcada pelo estylo do seculo XX, faz-me nascer n'alma um amôr mais novo e estreme, por aquelle portico vetusto e coreomido...

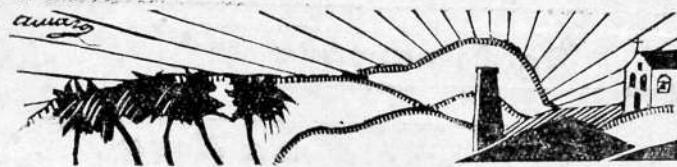
Olinda será eternamente, a Marim relembradora do civismo patrio, do passado fugidio!

Referindo-se á visita feita de Ramalho Ortigão á nossa terra escreveu Joaquim Nabuco entre outras cousas preciosas, esta scintillante verdade: "...e Ramalho Ortigão encontrou mais da antiga civilização portugueza no pouco que viu em Olinda, do que em tudo que tinha visto no Brasil!"

Olinda, 19 — 6 — 924.

MATTOS PINTO.





Hontem, hoje, amanhã

HONTEM:

O toque roufenho do velho sino a acordar echos somnolentos na floresta proxima. Passaros retardatarios que aligeros cortavaam o ar cruzando com morcêgos tontos pelo resoar do velho bronze.

A Senhora dos Anjos com o seu olhar meigo, tão meigo, tal um beijo frio nos labios d'ua mãe!

O coqueiral cochichando com o terreal e atirando beijos barulhentos aos ultimos raios exangues do sol. Aquella monotonia dos bos mugindos... Juritys gemendo la fóra, no capoeirão...

HOJE:

Traços sem simetria que o espirito aviva na pagina do passado. Coisas que passaram pelo tempo mas que o tempo as acompanha qual fôra sua sombra... Esperanças. Esperanças tão verdes como os nossos corações.

AMANHÃ:

Como aquellas flores aquáticas de odor singular e fraco que colhiamos (lembra-te?) guardaremos em baixo relevo, quase obscuro, traços daquelle tempo.

Esquecendo hontem e hoje, avivando o amanhã desejado seremos os pilotos da não Felicidade que esclará em breve o porto Real.

HONTEM:

Tão perto ainda! O campo verde, maravilhosamente verde, pintalgado de lindas cores pelo magico pincel da Natureza, scenario onde espalhavamos nossa alegria...

A estrada branca, colleante, o largo agude entre pedras, o velho engenho decadente, a "casa grande" e em frente o monte, o monte pequenino, no cimo do qual ficava a desprezada ermida...

Tenho ainda n alma o som argenteo do campanario humilde, que ás Ave-Marias vibravam no quasi silêncio das tardes mornas...

Visitavamos ninhos, colhíamos flores, sonhavamos... Saudades...

HOJE:

Os mesmos sentimentos em scenarios outros. Parenthesis que desejamor breves entre o passado feliz e o dêce porvir sonhado. Ideias que amontoamos em espera resoluta, sob os mesmos sentimentos. Laço roseo que mais une duas almas irmãs Esperanças...

AMANHÃ:

Enorme interrogação que aspiralamos ao azul supremo... Mas, como Deus sempre tenha para o que é puro um sorriso acquiescente, então beijados pela Felicidade, tudo nos sorrirá.

Realidade...

Aureo P. Camargo

Comendita Paixão

Da Imperatriz

à rua Nova

O jovem e elegante psiquiatra maranhense, recém-formado no Rio, confessava, numa roda de amigos, a paixão que lhe inspirara uma certa senhorinha:

— Se ela ao menos me corresponde, dizia...

— Casavas? retrucaram-lhe.

— Juro, respondeu o Doutor.

Alguém, porém, malevolamente falou ao ouvido de um companheiro:

— Não é que a doença pega!

— Como?

— Lidando com "eles" acabou por desejar imitá-los...

*

*

Mlle., depois que o distinto desportista baiano embarcou para o sul, nunca mais apareceu na rua Nova.

Sábado, porém, acompanhada por duas gentis amiguinhas, fez o *footing*, talvez esquecida do voto que fizera de não passear mais.

— Repara Oicatel, disse-me o Antônio Correia, como ela vem mais formosa:

Mas aquêle rapazinho, que parece querer espantar sempre uma mosca, hipotética, com seu habitual franzir de sobr'olhos e que nutre, por Mlle., grande admiração, embora não a conheça pessoalmente, disse com uma vozinha fina e gaguejada:

— Você não sabe Correia, Mlle. é como o sol...

E depois de uma pausa para pedir-me um cigarro:

— Depois do *eclipse* fascina mais...

*

*

O. B., oposicionista extremado, dia exaltadamente, certa noite na "Leitaria Vitória":

— Sou partidário da remodelação social: Não posso, não quero ser conservador!

O. B. não se lembrava que há cinco anos, alimenta um grande amor por uma formosa e gentil senhorinha, moradora num dos nossos arrabaldes e que, sempre que dispõe de tempo, passa pela casa dela fitando-a triste e apaixonadamente.

Se isso não é conservar, francamente, no mundo não existe nenhum conservador.

*

*

Aquêle acadêmico de Direito, ao ver Mlle. passar, uma certa tarde, pela rua Nova, fitou-a demoradamente como querendo gravar-lhe a imagem fascinante, para todo e sempre, na retina.

E' caso de se dizer ao futuro bachelar, parodiando o final de um soneto de Júlio Dantas:

"Il fant rompre en pleurant; tu ne la pense plus aimer".

*

*

— Tlin, tlin, tlin... E' do escritório do Dr. C. C.

— Pois não. Que desejo?

— Será difícil me informar quais foram as últimas cotações?

Não lhe ouvi a resposta, a telefonista desculsara as linhas.

OICATEL

:—: O HOMEM-SERPENTE :—

De primeiro, quando aquelle monstro surgiu na arena do circo, dentro de uma velatura lantejoulada de reptil extraordianario, de cabeça rasa de cretino, olhos redondos, feia excrescencia degenerando-lhe a curva do mento, a lhe arrepanhar as gengivas tensas do rosto horrendo, e grave, de uma elegancia juncal, com passos rythmicos d'ave fidalga comecou de passejar os tapetes e se plantou ante a visualidade curiosa do amphitheatre irrequieto — a platéa, numa zanguiزارa retoante fervilhou motejos bruscos, assobios, tumultuosamente. As chacotas, impregnadas de hispidos insultos, saltavam no ar, promptas, incisivas e molestas como fau'lias candentes, cobrindo-o de apôdos revoltantes. E de chôfre, todo o ambiente se tinha impressionado de um vasto, conclamante riso bandalho, reboando freneticamente té ás cimalhas dos alcandôres d'onde as chufas defluiam mais fortes e tempestivas, engrossando-se ao alto com estrondo de caudal que se abysma... A figura esporadicada do monstro concitaria a hilaridade geral á assistencia já convulsa...

Mas elle estava sereno, alheio áquella manifestação pesada da multidão irracional, digno como a figura superior de Gwymplaine, fitando a todos, de pé, na arena! No domínio da sua grande posição, continuou na mesma impassibilidade de estatua, a fixar de frente a turba—multa, sem mover a cabeça, como que esperando a onda rugidora que avançava...

Subito, como um largo bocejo indolente, uma symphonia smorzou, errou no ar, lenta, morbida, quasi imperceptivel com a troada iterativa da vozearia imbecil. O monstro então

principiou de se mover, em sinuosagens de ophidio, o corpo irisando scintelhas, num deslocamento de todos os membros, creando posições inverosimeis, dançando o tronco, escondendo a cabeça fina para as axillias, costruindo arco ductil da espinha, trazendo os jarretes a cruzarem-se no dorso corcovado, sem parar, anciado já, dentro do rythmo nervoso da musica... Agora, como que atacado de feia zoanthropia, vermiculava todo o corpo em contracções ondulantes, tortuoso e horrivel numa circação de febre, em desconjuncturas incriveis e que não eram para existir no dominio da natureza, acompanhado sempre com o facies soffredor de um doloroso Lacoonte a gymnastica ignobil de todas as visceras e de todos os tendões, gymnastica quasi tão subiectiva e impressionante que fazia callos na imaginação!

E aquillo não parava! Num dado momento o monstro ficaria mais horrendo: transformára-se de repente numa só massa inorganica; e a cabeça, os braços; as pernas, o tronco, tudo em fim desarticulado, tudo horrivelmente fóra do lugar, rolava pelo tapete, num só bolo amorpho de membros comprimidos e domados, sem differenciação alguma de um fardo inutil, encolhendo-se assustadoramente, reduzindo-se a nada, a imperceptivel coisa diabolica...

Depois, como uma serpente que desperta, começou de se desenvolver voluptuosamente, intervallado de lentos, sinuosos espreguiçar: primeiro, surgiu a cabeça, pequenina, espiando em torno; depois brotaram os dois braços, o tronco, as duas pernas molles, e o corpo integralisou-se, subiu, plantou-se novamente de pé, fitando

«Rua Nova» em Manáos



O edificio do Theatro Amazonas, em Manaus, considerado um dos melhores do Brasil

a platéa. Mas não demorou muito e elle a subir o thorax, abaulando-o, entumecendo-se com a absorção exagerada de ar nos pulmões, fincando-se nas pontas dos pés, agora todo tetanizado, os olhos querendo estufar das orbitas, as cordoveias do pescoco magro regumbradas, os traços do rosto construindo sulcos mais fundos de sofrimento, a cabeça movendo-se dentro dos hombros estreitos, com um membro solto, voltando-se em todas as posições, numa choreographia variada em rotações exquisitas, o peito gemendo e avulcando-se, já numa feia tesoura das costellas, numa proeminencia de insolito mal asiatico, uma hydropsia impossível, sem termino, inchando-se e alargando-se para a frente...

E derredor as gargalhadas foram morrendo como nos ultimos lampiões de um festim, o silencio encheu de emoção todo o ambiente; a platéa irrita, bruscamente, caiu num grande torpör, magnetizada; um hiato prolongado de religioso silencio em todos os sentidos; as proprias luzes

não seillavam; sentiam-se tão só as respirações alternadas de todos os peitos emocionados pelo prodigo do monstro, o trabalho do sangue acelerando as arterias... O povo agora soffria mais que o monstro, tinha rictus de amargura nevrostenica; e as cabeças ávidas, sem posição certa, sem pouso, dominadas por uma larga impressão emocional presas dentro desse círculo de soffrimento subjetivo, atacavam-se de uma doença nervosa que rápida se alastrou, contagiosa, de coração a coração, de sensorio a sensorio, tomando vertiginosamente todas as organizações, provocando accidentes epilepticos na multidão magnetizada pelo monstro que, sentindo o phenomeno das suas forças superiores parou, profundamente calmo como entrara, no meio da arena do circo, enquanto a platéa acclamava-o com um ruído prolongado de vivas palmas, estrondosamente, numa alegria doida e inconsciente, acordando assim o hystericismo ingenuo da civilisação contemporanea.

ROMEU DE AVELLAR

Uma festa de amizade

A 22 do mez passado, realizouse no restaurant "Regina", um almoço como um preito de amizade, a pesa alta mente sympathetic do dr. Coaracy de Medeiros. Tudo correu na melhor cordealidade. Improvisaram se versos de graça e humorismo.

O dr. Joaquim Inojosa, um dos chefes do futurismo... entre nós, foi o iniciador do desafio com o seguinte ataque:

"Ha entre o futurismo e o passadismo, esta diferença apenas: futurismo — automovel; passadismo — carro de boi."

Caio Pereira respondeu: "O futurismo é a arte de não se dizer nada em muitas palavras homófonas, ou melhor: é a musica de uma lata vasia."

José Eustachio: "Os futuristas são irresponsaveis desordeiros das lettras."

Leovigildo Junior poetou:

"Futurismo! coisa doce.
"Um deliquio mental puro...
Mas... o Menú acabou-se!
Vamos comer o Futuro!"

Austro Costa:

"Góes Filho não tem *Futuro*
fica mesmo no *Presente*.
Fica sempre, dindo e puro,
a prgredir *lealmente*..."

"Eu do Léo ja não me queixo
E sem queixas, a seu lado,
vejo o *Futuro* em seu queixo
que é um *passadismo* enrascado."

A essas quadras, Leovigildo replicou:

"Mas que poeta interessante!"

Caiu por certo do céo,
Na mesa do restaurante.
Fazendo versos ao Léo."

"Ora! de queixos quem falia!?
Justamente quem de seu
Dentre os queixudos da sala
E' mais queixudo do que eu!"

Austro escreveu:

"Não ha peixe nem assado,
E eu, com fome, em febre scismo:
Como almoçar o *Passado*
Se vou jantar *passadismo*?"

Seguiu-se Góes Filho:

"Oh! santa cordealidade!
Nesta meza — passadismo
Está sentada a trindade
Que defende o futurismô!!!..."

"Neste fastio inclemente
Pelo amor, que me elimina
Eu sinto fome, somente
No pratinho do *Regina*!"

Leovigildo, a esta quadra fez:

"Esse prato, esse pratinho,
E' canja! é manjar do céo.
Como com a testa todinho
Com os olhos a gente lambe."

Outro poeta, de quem não pudemos colher o nome, deixou, sobre a mesa:

"Mas que banquete encrocado
E' este banquete daqui
De *futuro* e de *passado*
Não se lembra Coaracy."

Sergio Olindense disse:

"Nosso amigo Coaracy

Coração

↑ primavera. A minha mocidade
Abre 21 ares despedas e alegre.
↑ que triunfante sol! que alegridade!
No peito, o coração da mea - che.

Sarde estival. Agore a minha estade
Offre o centro de Buda. Queim dinis!
Autuno! e já Passado! e já saudade!
Toce-me o coração. Doe - Marie..

Inverno. Santi fuis, tanto gelo
A cair desagam no meu cabello!
De meie noite o coração, e agore,
Chuvando tudo se acabe e tudo fage.

Elle é um rehojo que de horas faje,
Selo costume de ar ter dado oute' ore..

(nidito)

Sergio Lobo

oooooooooooooooooooooooooooooooooooo

Precisa de immunisaçāo,
Pois vae ficar_lhe aqui
Um insecto: o Varejāo."

Austro arrematou o duello... lit-
erario, com estas quadras:

"Varejāo não tem vareja
Meu caro Sergio. E' verdade:
Eu quero que você veja
Do passadismo... a lealdade!"

"Tanto verso debochado,
tantos poetas aqui!
Vamos, *Futuro* e *Passado*
Deixar aqui registrado
Um viva ao Coaracy!"

Foi com se vê uma linda festa de
amizade, em que o *Futuro* e o *Passado*
apesar de longe um do outro,
abraçaram-se, com tanta cordeali-
dade.



Sonho que se desfez

Tonta de luz, o seio a offegar sob as niveas gazes que o velaram, asphyxiada de perfumes, presa de um jubilo delirante, Ruth, refugiar-a-se em um angulo do salão. Os seus pensamentos, em turbilhão, sucediam-se-lhe no cerebro em contrastes bruscos, maravilhosos; Desejava alternativamente fugir e permanecer no ambiente fascinador que a deslumbrava. Dançara ininterruptamente deixando-se arrastar numa embriaguez de vertigem. Empolgara-a uma ancia de agitação, de movimento, que a incitava a ballar doidamente, nervosamente, insaciavelmente, como se obedecesse ao rythmo de uma melodia interminável.

Lebrava um passaro que sentisse a allucinacão do voo continuo e que arões volteios longos, sinuosos, loucos, interessante, no abvsmo do ether tombasse exanimar no prado matisado de flores. E ella, á semelhança desta plumea creatura alada, tambem cahira exausta, mas feuz, deixando transparecer nos labios um sorriso de gôso satisfeito... O seu olhar languido, amortecido, vagueara pelo festivo recinto, quando de repente pousou numa elegante silhueta mascula que se lhe approximava sorridente. Um commocão estranha, invencivel, violenta, abalou-lhe todo o ser. A expressão singular daquelle olhos pretos, meigos e dominadores, penetrara-lhe o intimo como si lhe quizesse sorver em longos haustos, a essencia, a vida. Julgou que raios de sol infiltrando-se-lhe no virgineo corpo, se lhe introduzissem na alma para illuminala duma luz exuberante, magnifica, auriflúente. Alguem apresentou-lhe o homem que a fizera vibrar, arrebatando-a para as phantasticas chimeras que lhe seduziam a extraordinaria imaginacão. Ruth nada percebeu. As palavras chegaram-lhe vasias, despidas de sentido, como echos longinquos. Ouvia apenas uma voz mysteriosa, persuasiva, potente, que lhe segredara! Ama-o!

SOCIEDADE PERNAMBUCANA



D. Maria Cecilia de Albuquerque

E assim, bello, matisado das côres esplendentes da alvorada, despontou o primeiro sonho de Ruth...

Enlaçando-lhe a cintura flexivel, premendo entre a sua, a mão branca e palpitante de dedos afilados, olhos nos della, elle levou-a ao compasso melodioso da valsa... Sob a doce pressão do braço esguio que lhe pandia sobre o ombro; admirando o franzino perfil de sua gracil companheira; aspirando o perfume embriagador que lhe emanara de odo o ser pleno de juventude, elle sentiu algo de perturbador agitar-lhe a alma. A fragilidade encantadora da fina silhueta a sua leveza de pluma, o mimoso rosto, eram fontes de gosos sublimes para o seu requintado espirito de esthetica. A sua phantasia desvairada sugeria-lhe desejos de tomar ao collo aquella debil figurinha de porcelana, beija-la delicadamente, carinhosamente, receiando quebra-la, e depois adormece-la sobre petalas de rosas. Elle a adivinhava vibratil, feita para os arroubos mysticos, destinada á sublimidade dos extases...

E quando vibraram no ar os últimos accordes da valsa, os doce corações pulsando unisonos, entoaram um hymno de triunfo, ao amor invencível, immortal!

Mais tarde no silencio de sua alcova virginal, Ruth, insomne, abandona-se à ebriez divina que lhe perturbava os sentidos, enquanto na sua alma vontava o espaço em busca do seu amado...

Symbolisava um coração amante e torturado o coração que ella desejaria depor numa sanguenta oriera aos pes do homem que a arrancara a penumbra em que vivera immersa, desvendando-lhe os misterios transcendentais da luz. Des cerrando a janelha ofereceu oclaro rosto à caricia lasciva da brisa. Era uma noite de treva. Apenas algumas estrelas escintilaram no firmamento. Ruth nunca podera dominar uma aversão instructiva à escuridão. Ao se extinguir o ultimo clarão da tarde, um inexplicavel terror, se apoderava do seu espírito. Visões tetricas perpassaram-lhe deante dos olhos num balado convulso, macabro, infernal. E quasi sempre esta alucinação a perseguiu até fugirem do horizonte os primeiros ruores da aurora. Naquella noite, porém, os exóticos phantasmas não vinham. A luz pálida e suave da lamparina extinguiu-se de todo. E Ruth permanecia numa doce quietude. As extravagantes appareições seccaram, talvez as luminosidades radiosas que se lhe desprendiam d'alma... Os dias decorriam placidos, cheios de encantos novos. E Ruth conhecia a felicidade em todas as suas multiplas gradações. A harmonia das palavras do seu Amor, tornava-lhe a vida um contínuo enlevo. Viciosa libava o inebriante nectar da ventura, sem imaginar que na sombra, um genio malefico, preparava o toxico fatal...

O primeiro espinho surgiu sob a forma de uma doce expreção, motivada pelo ciúme. A migalha d'um sorriso, talvez, que concedera a outro que tambem a amava, mas... sem esperança, exasperou o seu amado. Elle a queria toda para o seu culto. O exagerado zelo a principio a linsongeara, depois, analysando-o detidamente, descobriu-

lhe laivos de desconfiança. Porque duvidaria della? Não lhe havia dado o seu affecto inteiro, o melhor de sua alma?

Foi o primeiro tormento de amor...

A paixão delirante do desventurado rapaz que não era correspondido, tornara-se num estado mórbido; envenenara-lhe a pureza do sentimento, despertando-lhe vilezas, abjeções.

Certo de que o preferido de Ruth era o unico obstáculo á sua ambição nonda ventura, decidiu excitá-la o ciúme. Sendo á voz da razão, tramo a estruição do bello sonho de o ciúme, ouvindo a voz da razão, tramo a destruição do bello sonho de dois entes que se amavam com vehemencia implacavel. Uma alegria doida, perseguiu Ruth, apresentando-se em todos os lugares onde poderia encontral-o. Debalde ella fazia sentir ao homem amado, o immenso desprezo que lhe inspirava a paixão doentia de que era objecto. As queixas se repetiam sem a doce inflexão de outr'ora. Aterrada tentara deter a felicidade que se lhe escapara. Os seus padecimentos angustiosos fizeram-n'a avaliar os alheios.

Ultimamente lamentava o desgracado que a amava sem o elemento de uma illusão. Elle, entretanto, em sua obstinação, a via sempre a namorada ditosa, e, sem hesitar, resolveu dar-lhe o golpe fatal. A arma escolhida foi a calunia: "O seu amor achara emfim um echo no coração de Ruth. Ouvira-lhe enleido uma promessa". Affirmara transformando as duvidas do outro em horrivel certeza. Lagrimas de verdadeira dor, juras sinceras, protestos de affecto ardente não conseguiram demover o homem que era o unico amor de Ruth. E ella viu-o afastar-se impiedoso, sem um olhar de compaixão para a sua amargura. Desde então se transformou o carácter da inditosa menina. Os risos cascanteantes, as expansões pousada á melancolia e ao desalento. Uma visão de tristeza povoou-lhe a alma. A saudade. E hoje Ruth muitas vezes afflita a soluçar relembrava o seu sonho que se desfez para viver apenas, idelevel, na sua lembrança...

O PEREIRA.

única esperança

— São assim as mulheres. Enquanto não vêem cumprido os seus caprichos...

E o dr. Augusto, a passos largos, nervoso, percorria a sala toda, alumiada pelo foco tenue dum "abat-jour" lilaz. Pela janella afôra, sumia-se a nuvem do seu cigarro...

D. Clara acompanhava os gestos bruscos do marido, e quedava-se depois a mirar, como que distraída, os bordados do almofadão, que trazia sobre os joelhos.

— Não quero! Prefiro, mil vezes,vê-la no claustro, que unida àquele...

— Sé mais consciente, Augusto. Alice é nossa filha unica. Não vês como ella definhava em silêncio?... Suas olheiras, sua pallidez, seu fastio...

— Bem dito tempo aquelle, em que os paes faziam a escolha para os filhos! Hoje é moda. O primeiro que aparece... Prompto! Nem mais conselhos, nem mais pedidos, nem mais sogos... Mas, aqui não será assim, estás ouvindo, Clara? Alice não se casará com aquelle paitife, porque... eu não quero!!!

Alma sombria, sensivelmente ferida, dirigiu-se d. Clara lacrimosa e triste, aos seus aposentos. Nunca o marido lhe falára assim. Agora, urgia estar ao seu lado, que não no da filha, si queria manter a paz ininterrupta do seu lar.

...
Uma noite... Era noite escura, vaporosa e calma... Alice aguardava da janella do seu aposento, a visita esperada.

Na amplidão, — deliciosa essen-

cia da vista, — myriades de olhares furtivos, turbulentos, faiscantes, baixam ás humanas criaturas... Inexperientes, não receiam as más linguas, os olhares indiscretos de um ou de outro transeunte que passa vagaroso.

A's primeiras saudações, ouviram passos, rumo do quarto. De mansinho, Alice encosta a janella, e, pé ante pé, toma uma revista e senta-se na poltrona. Claudio, do outro lado da rua, avista uma sombra que assoma á janella e vem chegando... Reconhecendo o "velho", dá um passo ao largo.

— O sr. não tem vergonha?— Desmoralizando a minha casa e a minha filha! Si a estimasse como anda a encher mundos, não queria que o seu nome se diffamasse! Atrevido!

Cabisbaixo, envergonhado, todo o amor proprio aguçado nas faces afo-gueadas, Claudio ganha apressado a outra rua. Errára, é bem verdade, reconhecia. Mas cegava-o o amor de Alice. Ella pedia, e elle não queria ver chorosos os olhos de sua alma bem amada.

— Agora... adeus, doces enlevo á tepida sombra da lua... Nem mais uma fússão, nem mais uma esperança, tudo saudades...

Horas de verdadeiro martyrio, passava-as Alice, ouvindo frases tremulas, raivosas, reprehensões sem um requinte de graça paternal; os olhares todo supplicas de sua mãe, mas... consolava-a ainda uma unica esperança. A ella se apegava, como um naufrago a uma carcassa, como um faminto a um migalho de pão.

Destino

(Para Onílio Ramos).

"Adeus meu querido anjo. Parto, mas, bem podes calcular a dôr que sofro; sinto rasgar pouco a pouco meu pobre coração a seta venenosa do destino. A palavra saudade mata-me, a palavra separação sufoca-me."

Estas palavras foram pronunciadas por uma jovem ao separar-se do ente querido.

Eram dois jovens. Amavam-se. Era ela um anjo adolescente, ele um pobre sonhador. A vida lhes sorria como u'a manhã linda de verão, como u'a musica de passaros no seu rythmo divino entoando hymnos aos céos!

Partiu... Nada lhe fasia distrahir; só uma idéa alimentava-lhe o cérebro: voltar, vir ter aos pés daquele que deixára triste, luctando contra a força do destino e que já sem forças soltava estas palavras: Deus meu, me esquecerá ela, será

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Passaram-se tempos... quasi seculos...

U'a madrugada de inverno, fria, chorosa, molhada, como seriam, mais um pouco, os olhos e os corações de seus genitores, Alice toma o vehiculo ao lado de Claudio, e partem...

Dentro em pouco, eis-os chegados ás nupcias. Aguarda-os amistosa recepção promovida pela familia do nubente. Auge dos sorrisos e dos cumprimentos.

Toda branca, véos de gaze a esvoaçar, descidos os ongos cílios de trevas, balbuciou o "sim", que a uniu a Claudio para todo o sempre...

STELLA CAMARA.

possivel que por ter ido para um meio mais adiantado esqueça o pobre desgraçado que ficou nesta mörra a guisa do dia feliz da nossa união? Não; não posso crêr! O meio tudo corrompe, menos o verdadeiro amor!

*

Depois de dias ele recebia uma cartinha dela; contava os seus sofrimentos, a sua vida triste sem "a luz dos olhos dele", findava pedindo-lhe roubasse um dia ao trabalho e fosse vel-a.

Motivos superiores o impediram de realizar o sagrado pedido.

**

Os dias se passaram; nem mais uma carta ele há recebido; vencido ante a methafísica figura do ciume e aproveitando uma fólga ele foi até áquela cidade nefasta — no seu dizer — onde, parecia, roubaram-lhe o anjo querido. Chegando não viu mais o "amor a lei suprema e sacrosanta" sim "o odio a transformação psichica da dôr".

A mulher julgou-se trahida e procurou esquecê-lo pronunciando: "o amor, oh meu deus, venceu-me e traiu-me". E resignada, forte, imperativa, continuou: "A volupia do amor é volupia da vida, eu preciso viver". Esqueceu-o.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

CASA BRACK



E' o primeiro
estabelecimento
de modas, miude-
zas e perfumarias.

As elegantes
confeções do Re-
cife são feitas na

CASA
BRACK

Preços modicos ao
alcance de
todos

244 - Rua Nova - 244

CONFEITARIA BIJOU

DE
Almeida Bastos & C.

Está sem rival no Recife, competindo com as melhores especialistas do Rio de Janeiro. É o ponto chic das reuniões de elegância e graça, frequentado pela fina sociedade recifense :: :

No n. 370 a qualquer hora frios diversos, serviço rigoroso de café, leite, qualhada, bonbons, conservas, frutas, vinhos, queijos, nacionaes e estrangeiros

CHURR DA BRAHMA

Orchestra permanente

Rua Nova, 362

FUMAR SÓ MARCA VEADO

LEADER

BAUNILHA

RACHEL

Encontram-se em todos os fiteiros

Deposito de Pernambuco:

Praça do Mercado, 22 — Teleph. 615

V. Excellencia vae comprar
Roupas Brancas ?

Economise tempo e dinheiro
VISITE A

Camisaria
...Especial...

e compare os seus preços que são
20 % mais baratos

Preço fixo

Rua Duque de Caxias, N. 235

Telephone n. 526

Costa Carvalho & Cia. Despa-
ches geraes da Alfandega e Recebe-
doria. — Commissões e consigna-
ções. — Acceitam-se representa-
ções de fabricas nacionaes e ex-
trangeiras. — **Rua Visconde Itaparica**
n. 224 — RECIFE.

OSWALDO MACHADO BRANDÃO

Despachante geral da Alfandega e Recebedoria
Encarrega-se de despachos de importação e **exportação**
desembaraços.

Trabalho rapido, sincero e perfeito

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA 142 — 1.º ANDAR

RECIFE

Annunciar na Rua Nova

é ter a certeza de que o

seu annuncio será lido

por 30.000 pessoas ::::

A Fabrica Modelo

Proprietario P. Felix Cavalcanti Filho



Dispõe de esplendidos figurinos para moveis, chegados recentemente de Paris, Buenos-Ayres e Rio.

Confecciona-se com a maxima presteza e exatidão, qualquer encommenda de moveis.

Tudo isso faz a Fabrica Modelo, com a condição especial de ser por preço baratissimo.

Avenida Lima Castro, 243



Viriato & Villa-Chan

Os maiores recebedores de xarque
no norte do Brasil
Grandes vendedores de xarque e es-
tivas em grosso pelo menor
preço do mercado

Rua Pedro Affonso 6 e 20

Teleg. VIRIATO—RECIFE

Pernambuco

AS CASAS "PAULISTA"

Dispõe constantemente de enorme e
variadíssimo sortimento de
tecidos de todos as qualidades, nacio-
naes e estrangeiros, que
vendem a preços sem competencia.

Novidades
todas as semanas

Loureiro, Barbosa & C. L.^{da}

Travessa do Amorim n. 75

RECIFE

PERNAMBUCO

End. telegraphicco LOU80SA

Estivas, farinha
de trigo, xarque, etc,

Proprietarios
da Saboaria
Franceza

Importação e exportação Comissões e consignações

Agentes em todas as praças do paiz e estrangeiro

Omega!!! Omega!!!

Setenta milhões de relogios dessa marca estão espalhados pelo mundo.

Únicos depositarios em todo o norte do Brasil

J. Pessoa de Queiroz & Cia.

RECIFE

Amorim, Fernandes & C.

avisam ao commercio e ao publico,
que são os únicos vendedores da
afamada aguardente, saborosa e
aperitiva

MULATA

e recebedores exclusivos da manteiga,
a unica que o povo quer e
exige

SALINGER

End. teleg. — ESTIVA. Caixa postal 129

R. Vigario Tenorio, 185 — Pernambuco

Herm. Stoltz & C.

Caixa 163—RECIFE. End. teleg. HERMSTOLTZ
Avenida Marquez de Olinda, 35

SECÇÃO ARMAZEM

Completo sortimento de:

Cutelarias, Ferragens, Artigos de alumínio, Louça esmaltada, Tintas, Vernizes, Oleos, Drogas, Arame farpado, Arame liso, Picaretas, Pás, Canos de ferro galvanizados, etc etc.

SECÇÃO TECHNICA

EM STOCK:

Machinas para serrarias, Padrarias, Papelarias, Funelarias, Oficinas mechanicas, etc. etc.

Bombas, Material para transmissores, etc. etc.

SECÇÃO DE ESTIVAS

Agentes das Manteigas:

GENUINA, CRUZEIRO, CAMPES TRE e RIQUEZA DO BRASIL

SECÇÃO DE SEGUROS

Agentes das Companhias:

INTERNACIONAL DE SEGUROS, RIO DE JANEIRO, ALBINGIA e HAMBURGO.

SECÇÃO MARITIMA

Agentes do:

Norddeutscher Lloyd, Bremen, Hugo Stinnes Linien, Hamburgo e Artus, Danzig.

SECÇÃO DE ENCOMMENDAS

QUAESQUER ENCOMMENDAS PARA A EUROPA e AMERICA

Representantes da fabrica de moveis VIENNA, WALTER GOR-
DAU, PORTO ALEGRE.

Cofres e fogões economicos "BERTA", Camas de ferro e móveis de ferro.

Fundição Federal do Rio de Janeiro: Chapas para fogões, Fogareiros, Ferros de engommar etc.

Grades de ferro, Candelabros, etc. etc.

CHARITOS STENDER

Marcas preferidas: RAPHAELA, CONQUISTA e LEGITIMO.

CIMENTO EXCELSIOR

A Marca que maior consumo tem no Brasil.

SABOARIA PARAHYBANA

Seixas Irmãos & C.

PARAHYBA DO NORTE

A mais importante do paiz pela grande variedade e excellente qualidade de seus sabonetes e tambem pela sua enorme produçao diaria.

Os nossos sabonetes sao inconfundivelmente os melhores, porque conservam authenticos, ate o final, os perfumes neles empregados.

E' a que produz maior variedade de sabonetes Perfumados e Medicinaes.

RECOMMENDAMOS A'S EXMAS. FAMILIAS AS SEGUINTE'S MARCAS DE
SABONETES PERFUMADOS

FELIPE'A—O ideal para as pessoas de fino gosto. Sabonete de luxo, tipo francez, aroma sem rival.

EPITACIO PESSOA—Perfume agradabilissimo.

BILJA—Perfume de Agua de Colonia, sabonete oval e de preço rasoavel.

GENTLEMAN—Sabonete finissimo de grande reputação.

SANDALO—Sabonete grande redondo, perfume Lavander, concentrado e muito aromatico.

ANGELITA—Perfume rosa, extrafino, fabrico esmerado.

ORCHIDE'A—Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flores.

FLOU DA PERSIA—Perfume delicado, suave e de grande duração. O seu preço é muito modico, comparado a qualidade do sabonete.

SEIXAS—Perfume Flor do Brasil é um sabonete que se impõe pela sua entima qualidade, comparada ao seu diminuto preço.

SONHO DAS NUVENS—Perfume da fabrica, perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

PRINCESA—É um ottimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commodo.

SANTAL—Em sabonetes de baixo preço esta marca comilherá todas as semelhantes, devido ao seu agradavel aroma, muito concentrado, pres-

tando-se não só à mais fina "toilette" como tambem para barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

SABONETES MEDICINAES

Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo escrupulo nas dosagens dos medicamentos. Precos excessivamente commodos

Alcatrão	10	00
Alcatrão e enxofre	10	00
Alcatrão e ichtyol	5	00
Enxofre	10	00
Ichtyol	1	00
Sublimado	1	00
Sublimado e resorcina	1	00
Sublimado e ichtyol	1	00
Araroba	1	00
Araroba e ichtyol	1	00
Phenicado	2	00
Lysol	4	00
Boricado	5	00
Subfumoso e phenicado	6	00
Creolina	5	00

TEMOS EM DEPOSITO PERMANENTE OS SEGUINTE'S:

Recommendamos:

SABÃO "PROTECTOR" hygienico, carbonico, ottimo desinfectante, não prejudica a pelle

SABÃO "ALVORADA" o melhor que existe para lavagem de seda e tecidos finos.

SABÃO "JASPE", em blocos de 150 grammas, consistente, economico e de superior qualidade.